

CARTILHA



CONSTRUINDO ESTRATÉGIAS DE CUIDADO DA COMUNIDADE

LG
BTO
TAPNB+



INFANTO JUVENIL



SUMÁRIO



- . APRESENTAÇÃO 3
- . DESAFIOS E POTENCIALIDADES 4-5
- . COMO TRABALHAR O TEMA NO SERVIÇO 6-7
- . REFERÊNCIAS DE ATENDIMENTO
EM SAÚDE INFANTOJUVENIL DF 8
-  . REFERÊNCIAS DE ATENDIMENTO À
COMUNIDADE LGBTQIAPNB+ 9-10
- . ENTENDENDO A SIGLA 11-12
- . MUNDO LGBTQIAPNB+ (INDICAÇÕES) 13
- . AGRADECIMENTOS 14





Baseou-se nas atividades do Projeto de Intervenção da matéria Saúde Mental Infanto-juvenil I, ministrada pela Karina Figueiredo e realizada pela sexta turma do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental, álcool e outras drogas da FIOCRUZ – Brasília. Motivada pelo processo prático e reflexivo acerca da experiência do cuidado psicossocial de crianças e adolescentes LGBTQIAPNB+ assistidos nos Centros de Atenção Psicossocial do Distrito Federal, assim foi elaborada a Roda de Conversa - Construindo estratégias de cuidado da comunidade LGBTQIAPNB+ infantojuvenil.

A 1ª Roda de Conversa utilizou as principais reflexões trazidas através do formulário de inscrição. Unimos diversos serviços de referência em saúde LGBTQIAPNB+ como também pesquisadores da área para compartilhar sobre estratégias de cuidado e fortalecer nossas práticas na Roda de Conversa para servidores da saúde para debater sobre o tema, assim foi discutido sobre as barreiras enfrentadas pela comunidade LGBTQIAPNB+ ao buscar os serviços de saúde, assim como as potencialidades do mesmo.

Também realizamos a 2ª Roda de Conversa com objetivo de dialogar com crianças, adolescentes e familiares usuários do Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil de Taguatinga, está acompanhada pela ONG Mães pela Diversidade, a fim de refletir e debater sobre os desafios e potencialidades da atenção à comunidade na perspectiva dos usuários. E através dessas atividades promovemos um debate que resultou na composição desta cartilha.

Objetivo: Discutir os maiores desafios e potencialidades da Rede de Atenção Psicossocial às/aos/es crianças e adolescentes LGBTQIAPNB+ no Distrito Federal, ao fim construir subsídios para elaboração de material de orientação, na perspectiva de contribuir com a formação da/o/es profissionais para a garantia de direitos às crianças, adolescentes e suas famílias nos serviços de saúde com foco no cuidado psicossocial.



DESAFIOS E POTENCIALIDADES

Identificados com base nas respostas do formulário criado para a primeira roda de conversa e nas discussões da primeira roda.

Desafios

Nos serviços:

1- Formação: falta de capacitação, sensibilização e conhecimento da promoção da saúde e dos direitos humanos.

2- Rede: Integração das políticas públicas para o atendimento a pessoas da comunidade LGBTQIAPNB+; barreiras geográficas e econômicas para acesso a serviços de qualidade; desconhecimento dos serviços e fluxos pelos/as/es próprias/as/es servidores/as.

Na sociedade:

1- Preconceito: LGBTfobia estrutural, impunidade de pessoas LGBTfóbicas, estigmatização e falta de visibilidade e representação adequada da comunidade LGBTQIAPNB+ nas políticas de saúde;

Na família:

1- Aceitação dos pais, irmãos, familiares.

Consequências identificadas:

- Desconfiança nos serviços;
- Receio ao procurar atendimento e ajuda.
- Negligência de necessidades específicas (por exemplo o auxílio na aplicação de hormônio que poderia ser oferecido nas Unidades Básicas de Saúde).
- Desumanização e proliferação de crimes de ódio.
- Diagnósticos errôneos e tratamentos inadequados

DESAFIOS E POTENCIALIDADES

Identificados com base nas respostas do formulário criado para a primeira roda de conversa e nas discussões da primeira roda.

Potencialidades:

- **Ações** que promovem cuidado e inclusão identificadas por servidores/as;
- **Grupos:** grupos temáticos, rodas de conversa e atividades que visem a igualdade;
- **Acolhimento:** escuta sensível e acolhimento das famílias;
- **Comunidade:** parceria com recursos da comunidade e articulação política;
- **Formação:** palestras, cartilhas, supervisões, letramento de gênero, diálogo com professores, equipe e funcionários/as/es no geral; políticas de cultura de base sobre cidadania e diversidade cultural;
- **Atendimento especializado:** multiprofissional, perspectiva biopsicossocial.

O que fazer?

1. **Promover espaços de troca** de (sobre)vivências entre pessoas da comunidade LGBTQIAPNB+;
2. **Garantir o acesso aos direitos básicos** ao **capacitar e atualizar servidores/as** e **ampliar a rede de serviços** referência para atendimento à comunidade LGBTQIAPNB+;
3. **Esforço coletivo** para criar espaços inclusivos e seguros.
4. **Tomar as providências cabíveis e/ou orientar corretamente em situações de violência** escolar, intrafamiliar etc e de transfobias institucionais e demais situações de violação de direitos.



COMO TRABALHAR O TEMA NO SERVIÇO?

Adolescente



A abordagem mais alinhada aos interesses atuais da dita adolescência são essenciais para profissionais que visam assegurar adesão e real impacto nas intervenções com esse público.

Pensar em debater esse tema de forma pontual e/ou expositiva desconfigura o real sentido da fase da adolescência acerca de questões biológicas, sociais, e de cunho psíquico que circundam essa fase da vida. Pensa-se então em tornar esse ponto algo retornável.



Crianças

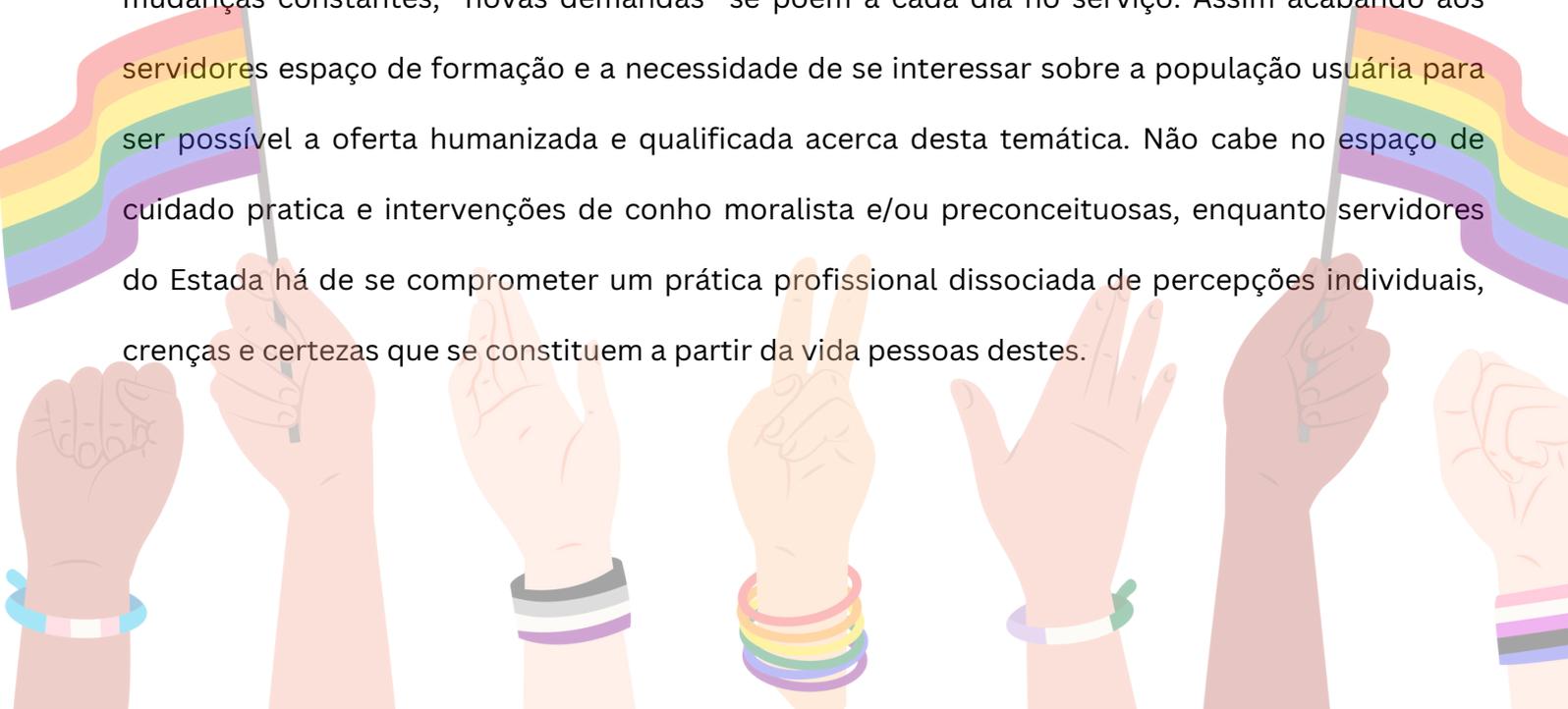
O direito à educação sexual é importante e ação alinhada aos princípios do SUS, no entanto, não se restringe a discussão sobre o público LGBTQIAPNB+ apenas a esse escopo, vai para além, no reconhecimento e percepção de que informação e ações de educação em saúde corroboram para uma lógica de projeto societário equitativo e menos preconceituoso. Assim, quando pensamos no público infantil, atividades lúdicas, histórias, vídeos e canções são algumas das possibilidades que podemos nos pautar para intervenções nesse sentido.



Servidores



Referente a quem oferece o serviço, a busca por continuidade e acolhimento de demandas sempre se mostra desafiadora se pensarmos como a cotidianidade de vida perpassa em mudanças constantes, “novas demandas” se põem a cada dia no serviço. Assim acabando aos servidores espaço de formação e a necessidade de se interessar sobre a população usuária para ser possível a oferta humanizada e qualificada acerca desta temática. Não cabe no espaço de cuidado prática e intervenções de cunho moralista e/ou preconceituosas, enquanto servidores do Estado há de se comprometer uma prática profissional dissociada de percepções individuais, crenças e certezas que se constituem a partir da vida dessas pessoas.





COMO TRABALHAR O TEMA NO SERVIÇO?

Servidores (continuação)

Há de se pensar em estratégias de educação permanente que visem trazer aos espaços de cuidado olhares e portas que ventilem percepções e ações que movimentam e mobilizem o serviço. Rever práticas é essencial, quando prestamos um serviço à comunidade, tão diversas e que, se apresenta e organiza dinamicamente na cotidianidade.



Famílias

Em princípio há de se questionar a ideia mistificada de família, a instituição que foi e é dada a essa organização, há de reconhecer que para esses pode ser difícil o aceite e respeito de seus integrantes por serem quem são, aqui muitos atravessamentos são enxergados, mas há de se construir estratégias que visem minimizar ao máximo o sofrimento de quem atendemos, precisa-se lembrar que a pessoa em tratamento e receptora do cuidado, ponto de nossas intervenções não são esses, vale reconhecer que podem ser instrumento e caminho que ajudem a melhorar contexto de extremo sofrimento e violação de direitos.



Possíveis intervenções se dão na tentativa de diálogo onde ao mesmo tempo que se acolhe o que trazem os responsáveis, há de se pontuar eticamente sobre a quem o cuidado está direcionado, muito válido nesse espaço construir e ajudar a elaboração de pensamento e percepções preconceituosas muitas vezes atrelada a um conforto de pensar assim, atendimento coletivo (grupos de responsáveis), bem como individuais podem ser estratégia de manejo.



Referências de atendimento em saúde Infantojuvenil DF



CAPSi - Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil

Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil é um dispositivo do SUS para crianças e adolescentes em intenso sofrimento psíquico decorrente de transtornos mentais graves e persistentes, de até 18 anos incompletos; ou em sofrimento psíquico por uso de substâncias psicoativas, de até 16 anos incompletos.

Horário de funcionamento: Segunda a sexta-feira de 07h às 18h. Localizados na Asa Norte, Taguatinga, Sobradinho e Recanto das Emas.

CAPS I de Brazlândia

É um serviço para pessoas de todas as idades que apresentem sofrimento psíquico intenso decorrente de transtornos mentais graves e persistentes ou uso de álcool e outras drogas.

Horário de funcionamento: Segunda a sexta-feira de 07h às 18h.



COMPP - Centro de Orientação Médico-psicopedagógica



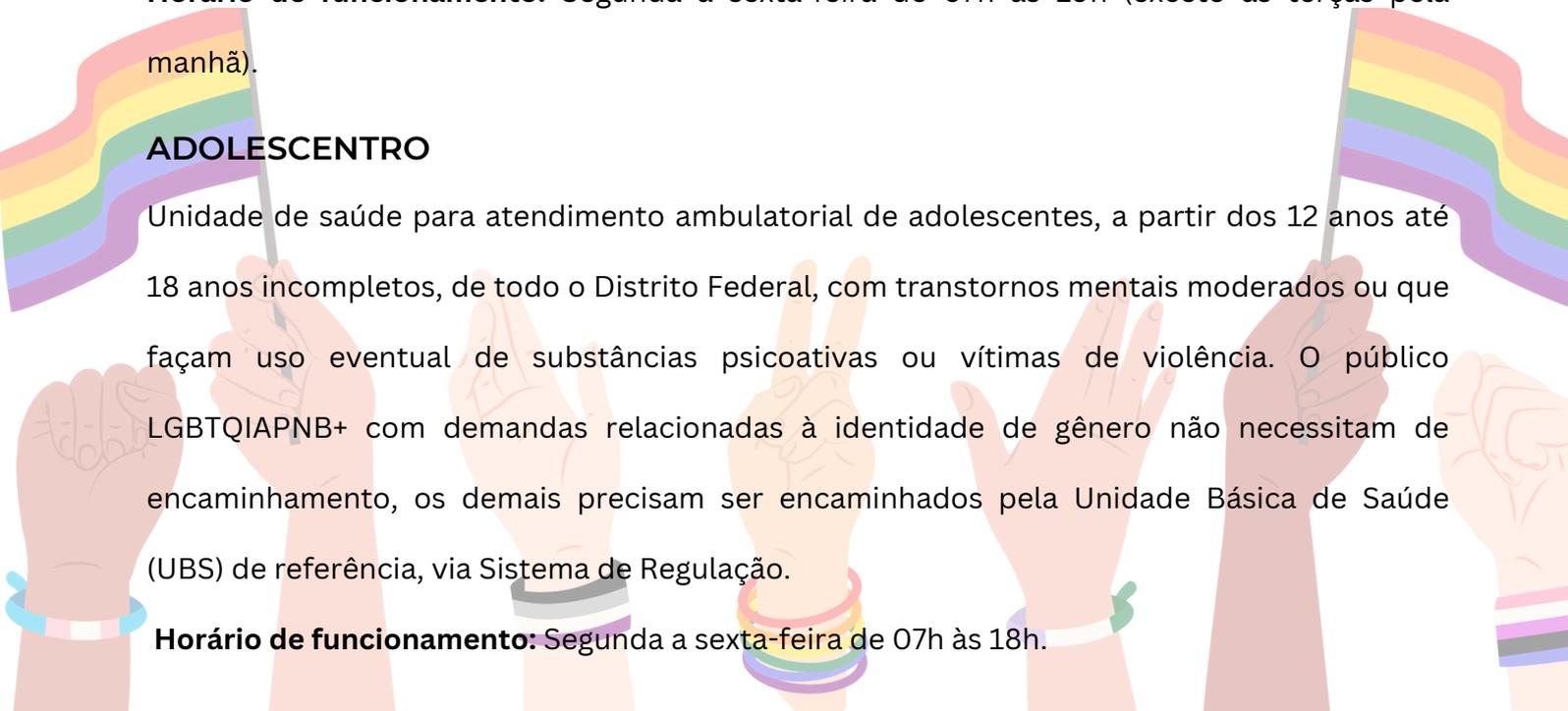
Oferece atendimento ambulatorial especializado, para crianças de 0 a 12 anos com sofrimento mental moderado, de todo o Distrito Federal. Para acessar o serviço, os pacientes precisam ser encaminhados pela Unidade Básica de Saúde (UBS) de referência, via Sistema de Regulação.

Horário de funcionamento: Segunda a sexta-feira de 07h às 19h (exceto às terças pela manhã).

ADOLESCENTRO

Unidade de saúde para atendimento ambulatorial de adolescentes, a partir dos 12 anos até 18 anos incompletos, de todo o Distrito Federal, com transtornos mentais moderados ou que façam uso eventual de substâncias psicoativas ou vítimas de violência. O público LGBTQIAPNB+ com demandas relacionadas à identidade de gênero não necessitam de encaminhamento, os demais precisam ser encaminhados pela Unidade Básica de Saúde (UBS) de referência, via Sistema de Regulação.

Horário de funcionamento: Segunda a sexta-feira de 07h às 18h.



Referências de atendimento à comunidade LGBTQIAPNB + DF



Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS) da Diversidade

Atende as pessoas em situações de violência ou de violação de direitos. O Creas da Diversidade é um serviço voltado especificamente a atender situações de discriminação por orientação sexual, identidade de gênero, raça, etnia ou religiosidade.



- Telefone: (61) 3224-4898
- E-mail: centrodadiversidade@sedestmidh.df.gov.br

NAMB - Ambulatório Trans

O serviço tem como princípios o direito à cidadania e à despatologização das identidades e expressões de gênero, bem como o Estado como provedor dos cuidados necessários à diversidade como manifestação da sexualidade humana.

- **Instagram:** @ambulatoriotransdf
- **Contato:** (61) 3449-4775



Casa Rosa

A Casa Rosa, localizada no Distrito Federal, é um espaço de convivência, assistencial e acolhimento da população LGBT em situação de vulnerabilidade.



- **Instagram:** @casarosadf
- **Endereço:** Q 17 - Sobradinho, Brasília - DF, 73045-171

• **Contato por meio de preenchimento de formulário:**

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScpENx596f6jjiOSdrL-o3ZZIKBbMAQvhStm7nUqJueEbERkqg/viewform>

Disk 100

Denúncias de violação de direitos humanos.





Referências de atendimento à comunidade LGBTQIAPNB + DF

Distrito Drag

Coletivo criado em outubro de 2017, sendo um espaço de auto-organização e auto-formação de artistas, que visa produzir e difundir a cultura LGBTI a partir da arte transformista, na perspectiva de enxergar a cultura enquanto ação política, participando de maneira ativa da cena cultural do Distrito Federal e do Brasil.



Mães pela Diversidade

- Organização não-governamental que reúne mães e pais de crianças, adolescentes e adultos LGBTQIA+. Atua no acolhimento de mães e pais, na sensibilização de agentes de saúde, do judiciário e do legislativo, e na divulgação de informações e depoimentos que tentam transformar a sociedade em um ambiente mais respeitoso para nossos filhos/filhas/filhos.
- **Instagram:** @maespeladiversidade
- **Site:** <https://maespeladiversidade.org.br/>
- **Contato:** (11) 97362 1805
- E-mail: contato@maespeladiversidade.org.br



Mães da Resistência

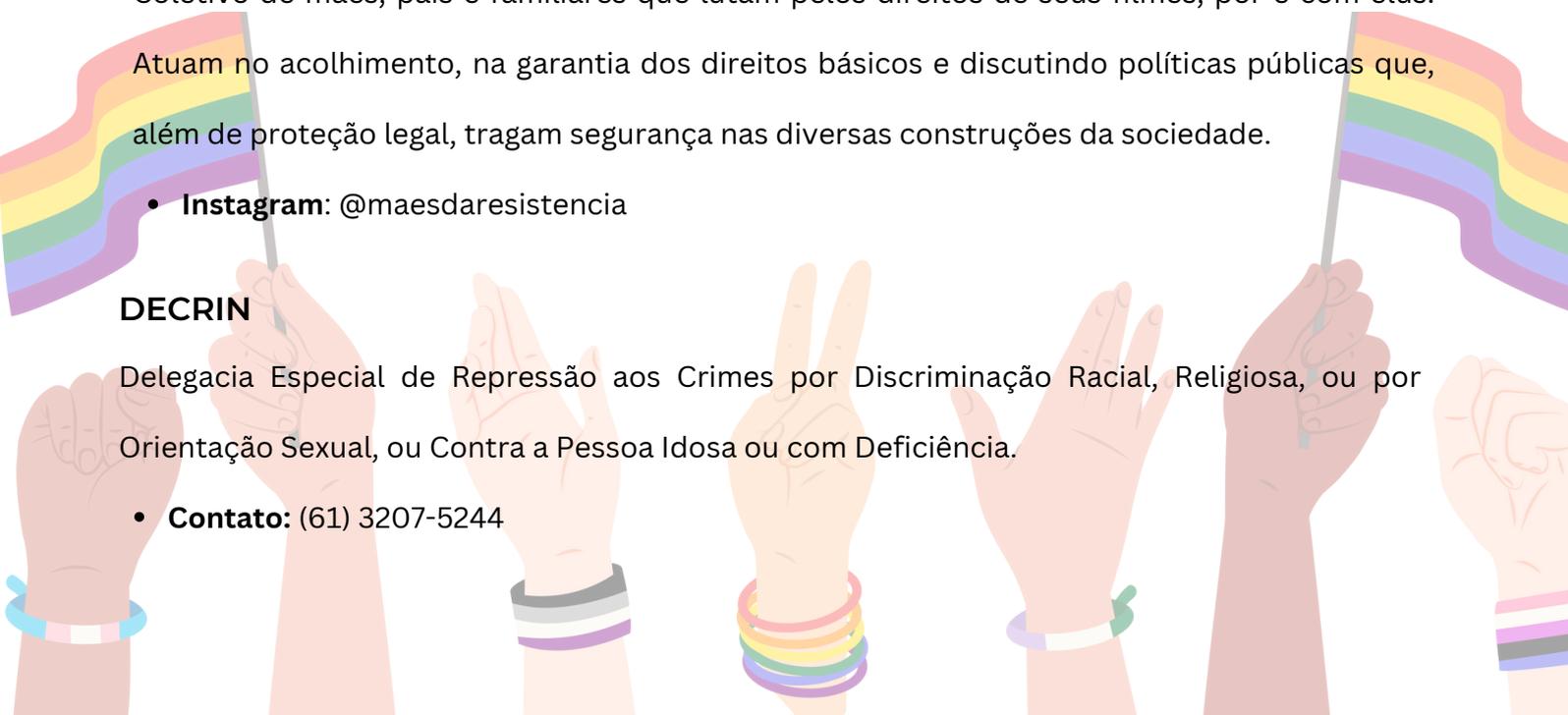
Coletivo de mães, pais e familiares que lutam pelos direitos de seus filhos, por e com eles. Atuam no acolhimento, na garantia dos direitos básicos e discutindo políticas públicas que, além de proteção legal, tragam segurança nas diversas construções da sociedade.

- **Instagram:** @maesdaresistencia

DECRIN

Delegacia Especial de Repressão aos Crimes por Discriminação Racial, Religiosa, ou por Orientação Sexual, ou Contra a Pessoa Idosa ou com Deficiência.

- **Contato:** (61) 3207-5244



ENTENDENDO A SIGLA



IDENTIDADE DE GÊNERO

É a relação da pessoa com o gênero, ou seja, é a identificação OU NÃO com a designação de homem ou mulher que lhe foi atribuída a partir de suas características biológicas de nascimento.

PESSOA CISGÊNERO (CIS)

Quando a autoidentificação e a designação social-biológica são compatíveis, trata-se de uma pessoa cisgênero (ou, abreviando, cis).



PESSOA TRANSGÊNERO (TRANS)

É alguém cuja a identidade de gênero não corresponde à categorização imposta baseada no sexo biológico. A identidade trans é um processo de afirmação que desafia as normas rígidas de gênero e exige respeito às escolhas individuais.

IDENTIDADE TRANS



TRAVESTIS

As travestis se identificam através da expressão de gênero socialmente relacionada a características da feminilidade em sua aparência, comportamento e forma de se vestir.

MULHER TRANSGÊNERO

É uma pessoa designada socialmente como homem ao nascer, mas que se identifica e vive como mulher. Ou seja, a identidade de gênero com a qual ela se reconhece, é feminino.



HOMEM TRANSGÊNERO

É uma pessoa designada socialmente como mulher ao nascer, mas que se identifica e vive como homem. Ou seja, a identidade de gênero com a qual ele se reconhece, é masculino.

PESSOA NÃO BINÁRIA

É alguém cuja identidade de gênero não se encaixa nas categorias tradicionais de "masculino" ou "feminino". O conceito de não-binariedade desafia a ideia de que o gênero deve ser exclusivamente masculino ou feminino, e abrange uma variedade de experiências de gênero.

QUEER

É alguém cuja identidade de gênero, orientação sexual ou ambas não se enquadram nas normas heteronormativas ou binárias socialmente tradicionais.



ENTENDENDO A SIGLA



ORIENTAÇÃO SEXUAL

Refere-se à atração emocional, romântica, sexual ou afetiva que uma pessoa sente por outra, ou seja, para qual se sente mais atraída. A palavra "orientação" foi escolhida porque implica que essa atração não é algo forçado ou fixo, mas uma inclinação natural.

Hetero
 Homo
 Human

HETEROSSEXUAL

Refere-se à atração emocional, romântica e/ou sexual de uma pessoa pelo sexo oposto. Ou seja, uma pessoa heterossexual é atraída por indivíduos do gênero oposto ao seu



BISSEXUAL

É a atração emocional, romântica e/ou sexual por pessoas de dois ou mais sexos ou gêneros. Isso significa que uma pessoa bissexual pode sentir atração por indivíduos do sexo oposto (heterossexual) e do mesmo sexo (homossexual), ou por pessoas de diferentes identidades de gênero.



HOMOSSEXUAL



Corresponde à atração emocional, romântica e/ou sexual de uma pessoa por indivíduos do mesmo sexo ou gênero.



PANSEXUAL

É quando à atração emocional, romântica e/ou sexual por pessoas de todos os gêneros e sexos, sem distinção.



ASSEXUAL

Diz respeito à falta de atração sexual por outras pessoas. Ou seja, uma pessoa assexual não sente atração sexual, ou sente uma atração mais limitada. Vale ressaltar que isso não significa que a pessoa não tenha desejos ou sentimentos afetivos, românticos ou de companheirismo.

Hetero
 Homo
 Human

Hetero
 Homo
 Human





LGBTQIAPNB+

- IDENTIDADE E LUTA (VÍDEO DO YOUTUBE TEMPERO DRAG)
[ACESSE AQUI!](#) 
- TEXTO: QUEM DEFENDE A CRIANÇA QUEER?. PAUL B. PRECIADO [ACESSE AQUI!](#)
- ARTIGO: NA ESCOLA SE APRENDE QUE A DIFERENÇA FAZ A DIFERENÇA. BERENICE BENTO. [ACESSE AQUI!](#)
- SÉRIE DE TV: SEX EDUCATION. PRODUÇÃO: ELEVEN FILM. DISPONÍVEL EM: NETFLIX.
- LIVRO: GENI NUNES (2018). A MONOCULTURA DOS AFETOS. SÃO PAULO: EDITORA LEYA
- DOCUMENTÁRIO: CORACI RUIZ. TUDO QUE IMPORTA (BRASIL, 2024) 





AGRADECEMOS IMENSAMENTE A TODAS/OS/ES QUE PARTICIPARAM E CONTRIBUIRAM COM ESSE PROJETO.



**AGRADECEMOS O APOIO DE LUCAS BRITO (UNB)
@LUCAS.BRITOL, DOUGLAS GOMES (SEJUS)
@PROFDOUGLASGOMES, GUSTAVO MURICI
(ADOLESCENTRO) @GUSTAVOMURICI, LUIZ FERNANDO
(ADOLESCENTRO), MÔNICA MONTEIRO
@MAESPELADIVERSIDADE E AMANDA CARVALHO (CREAS
DIVERSIDADE).**



**AGRADECEMOS, EM ESPECIAL, A NOSSA TUTORA E PROFESSORA KARINA FIGUEIREDO POR TODO O SUPORTE DISPONIBILIZADO COM ENTUSIASMO DURANTE O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS RODAS DE CONVERSA E DA CARTILHA.
AO NUSMAD/FIOCRUZ BRASILIA.**

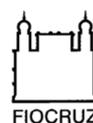




REALIZADORES

Turma de Residência de Saúde Mental Álcool e Outras Drogas da Fiocruz Brasília: Gabriella Gonçalves Boato da Silva, Isabele Bastos Urquidi, Lara Rodrigues da Silva, Nádia da Silva Martins, Saturno Fernandes Rezende Nunes, Thais Alves, Thayla Mendes Borges, Yasmin Tomaz

Apoio:



FIOCRUZ



MOVIMENTO PRÓ-SAÚDE
MENTAL - DF